

SEÇÃO: AUTOSSUPERAÇÕES NA INVÉXIS

TAREFAS ASSISTENCIAIS NAS RELAÇÕES FAMILIARES

ASSISTANTIAL TASKS IN FAMILY RELATIONSHIPS

Jéssica Laurdes da Silva*

* Analista de Sistemas. Voluntária do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia e da ASSINVÉXIS. Integrante do Grinvex-Belo Horizonte.

jessi.laussi@gmail.com

Palavras-chave

Inversão Assistencial;
Tacon;
Tares;
Grupocarma
Familiar;
Autopesquisa.

Keywords

Assistantial
Inversion;
Tacon;
Tares;
Family Groupkarma;
Self-research.

Resumo. Nesta pesquisa, a autora analisa o contexto familiar pessoal e propõe formas de otimizar as tarefas assistenciais nesse meio, buscando conciliar a aplicação da tarefa da consolação (tacon) e a tarefa do esclarecimento (tares) no ambiente familiar. Além disso, reflete sobre como o contexto familiar na infância influencia o comportamento atual e como proceder para atualização desse comportamento. Por fim, é feita a exposição dos resultados obtidos com esta autopesquisa.

Abstract. In this survey, the author analyzes the personal family context and proposes ways to optimize the assistantial tasks in this environment, seeking to conciliate the application of the consolation task (tacon) and the clarification task (tares) in the family environment. Furthermore, reflects upon how the familiar context in the childhood influences the current behavior, also how to act to update that behavior. Finally, it is made the exposure of the results obtained with this self-research.

INTRODUÇÃO

Família. Dentro de uma família é recorrente a aplicação dos 2 tipos de assistência: a tarefa da consolação (tacon) e a tarefa do esclarecimento (tares). A tacon é necessária para atender necessidades mais básicas, por exemplo, na criação dos filhos, pois precisam ser alimentados, vestidos, receber afeto, entre outras demandas. A tares é necessária em um sentido mais amplo e aplicada no esclarecimento e amadurecimento dos membros da família. Porém, será que o limiar entre esses dois tipos de assistência está tão claro assim no nosso cotidiano familiar?

Holopensene. Ao fazer sessões de terapia, a autora percebeu forte atuação da tacon em seu ambiente familiar, pois este tipo de assistência pertence ao holopensene da família. Eis, em ordem alfabética, 2 motivos pelos quais a tarefa da consolação é predominante no ambiente familiar pessoal:

1. **Catolicismo.** A adesão à religião católica pela maioria dos familiares.
2. **Estigmas.** Comportamentos anacrônicos que todos os membros seguem sem questionar, cultivados por várias gerações.

Invéxis. Na técnica da inversão existencial é de suma importância estudar o grupo familiar no qual o inversor está inserido, pois existem várias relações que podem ser feitas com relação à família do inversor. Abaixo são citadas 2 relações, em ordem alfabética:

1. **Assistência.** Geralmente é na família que o inversor inicia a sua prática assistencial.
2. **Vanguardismo.** É bem provável que o inversor, por aplicar uma técnica alinhada às verdades relativas de ponta, adote posturas vanguardistas na família, quebrando paradigmas preconcebidos e provocando reciclagens profundas na estrutura familiar tradicional.

Objetivo. O objetivo deste artigo é demonstrar como superar comportamentos ultrapassados gerados na infância na relação da conscin com a família, como otimizar a aplicação da tares no contexto familiar e como assumir a condição de ser um dos membros da família mais lúcidos quanto a sua autevolução, principalmente aos que aplicam a técnica da inversão existencial.

Metodologia. A metodologia empregada neste artigo consiste na utilização do ambiente familiar enquanto laboratório consciencial e análise das manifestações neste ambiente.

Estrutura. Este artigo está estruturado em 6 seções: I – Invéxis; II – Contexto Familiar; III – Comportamentos Ultrapassados; IV – Autossuperação; V – Assistência na Família; VI – Resultados.

I. INVÉXIS

Invéxis. A inversão existencial ou invéxis é a técnica do planejamento máximo da vida humana visando a programação existencial, fundamentada na Conscienciologia e Proje-ciologia, sem influências doutrinárias sectárias, inculcadoras, místicas, ou mesmo das ciências acadêmicas, convencionais e mecanicistas (NONATO, et. al, 2011, p. 21).

Maturidade. Um dos fundamentos da invéxis é a manifestação precoce da maturidade. Foi identificado pela autora que o desenvolvimento desse atributo foi essencial para os posicionamentos exigidos no meio familiar.

Cons. Para os jovens que desejam assistir as suas famílias, porém ainda não se consideram maduros o suficiente para posicionarem-se perante seus familiares, uma das alternativas dentro da invéxis é investir na recuperação de cons e no desenvolvimento de ideias inatas.

Ideias. No caso da autora, o fato de possuir ideias inatas referentes à responsabilidade perante a humanidade, a pressa em investir na evolução pessoal, a realidade do parapsiquismo e a existência de uma “missão de vida”, fez com que ocorresse uma recuperação de cons mais rápida que permitisse desenvolver esta maturidade e também a procura pela assistência às consciências.

Intelectualidade. Outro atributo manifestado pela autora desde a infância é a procura pelo desenvolvimento da intelectualidade.

Livros. O gosto pela leitura de livros, o aperfeiçoamento do conhecimento e a habilidade de escrita são características inerentes a esta conscin desde sempre. Além de ter dado maior bagagem intelectual para a autora, também ajudou no desenvolvimento da autocrítica e da argumentação pessoal, contribuindo para os posicionamentos exigidos na assistência familiar. Segundo o Léxico de Ortopensatas: “Quem não sabe, aprende; quem já sabe, recorda; quem quer **saber mais**, escreve.” (VIEIRA, 2014).

Autonomia. Outra questão importante dentro do contexto da invéxis é o desenvolvimento da autonomia pessoal. Como o inversor busca otimizar ao máximo a sua existência, uma de suas prioridades é se tornar autônomo o quanto antes, sem estender, de maneira

anticosmoética, dependências de todos os tipos.

Planejamento. Nesse sentido, a autonomia financeira e saída da casa dos pais é algo que precisa ser planejado pelo aplicante da invéxis desde cedo, pois a dependência é um limitador da manifestação pessoal, conseqüentemente, é elemento que impede a otimização máxima da execução da proéxis.

Adiamento. Muitos jovens da atualidade, alguns até conscins inversíveis, adiam a saída da casa dos pais por alegarem que permanecendo mais tempo na casa de seus genitores, conseguem preservar maior parte da sua renda, sobrando mais dinheiro para suas demandas pessoais.

Meio. Porém para aqueles que estão preocupados com a autevolução, o dinheiro deve ser visto apenas como meio e não fim para a existência.

Ponderação. Dessa forma é preciso ponderar: vale a pena adiar a maturidade que é adquirida de maneira **inevitável** ao sair da casa dos pais para ter mais dinheiro para minhas necessidades de consumo ou é mais interessante sair da dependência dos pais a partir do momento que consigo me sustentar e com a maturidade que adquirirei com essa decisão eu terei mais condições de planejar-me melhor financeiramente, mesmo tendo despesas mais altas?

Maturidade. Muitas vezes o jovem que adia a decisão de sair da casa dos pais para “juntar mais dinheiro” não consegue a otimização que estava buscando para o seu pé-de-meia porque não possui ainda maturidade financeira para tal, sendo que esta maturidade pode ser adquirida mais rapidamente quando encontrar-se fora da dependência dos pais, pois assim ele terá que aprender a priorizar, de maneira mais discernida, o dinheiro recebido através da sua fonte de renda.

II. CONTEXTO FAMILIAR

Infância. A autora cresceu na casa da avó devido à opção da mãe em cuidar da avó por motivo de doença crônica.

Sustento. Devido a esse fato, esta conscin passou toda a sua infância e adolescência sendo sustentada pela avó, pois sua mãe não poderia trabalhar fora, visto que cuidava da avó em tempo integral.

Dependência. Alguns familiares eram dependentes químicos desde a adolescência, fato que gerou vários traumas na família. Esses traumas faziam com que a família ficasse com

medo de que a autora também seguisse por esse caminho, caso ela não fosse bem-educada.

Agrados. A reação de alguns familiares que tinham tal receio era de sempre tentar impedir que as pessoas mais afins a esta consciin lhe fizessem agrados, alegando que esses agrados eram a causa dos irmãos terem ficado dessa forma.

Agravante. Outro agravante nesse processo era o fato desses familiares dependentes químicos também terem ficado dependentes da mãe e não adquirido a sua independência financeira.

Brigas. Essa situação era motivo de brigas constantes. Em alguns períodos na vida desta consciin, as brigas familiares ocorriam diariamente.

Reforço. A condição de ser sustentada pela avó e a obrigação de ser agradecida por isso era reforçada constantemente pelos familiares da autora desde a sua infância, pois a família via esse reforço como meio de fazê-la sentir-se obrigada a agradecer esse sustento não indo pelos mesmos caminhos que os outros familiares que tornaram-se dependentes.

Ambiente. Essas questões faziam com que o ambiente onde morava fosse bastante patológico tanto no holopensene, que era pesado e carregado de negatividade, quanto em relação às consciexes frequentadoras do ambiente.

Gerações. Outro aspecto da família é, desde gerações anteriores, o envolvimento em várias situações nas quais os filhos tiveram que tomar conta integralmente dos pais. Muitas vezes isso fazia com que a pessoa deixasse de lado a sua vida pessoal e profissional, priorizando o cuidado de seus familiares.

Reflexão. Essa tarefa de cuidar dos pais integralmente no final da vida tornou -se tão “automática” no comportamento da família, que passou a ser uma tarefa obrigatória feita pelos filhos sem nenhuma reflexão.

Proéxis. A falta dessa reflexão demonstra alheamento desses membros da família com relação à própria vida. Não é feita a reflexão se a tarefa de cuidar dos pais integralmente faz parte da proéxis pessoal ou não, e quais são as alternativas a esse cuidado integral.

III. COMPORTAMENTOS ULTRAPASSADOS

Comportamento. Ao iniciar a pesquisa, o primeiro objetivo da autora era conseguir agir de maneira mais assistencial no ambiente familiar, porém, a partir, disso foi percebido o quanto esse contexto, mais problemático e com muita demanda assistencial, influenciava padrões de comportamento manifestados atualmente e que encontram-se ultrapassados.

Reciclagem. Então, primeiramente era preciso verificar quais eram esses padrões de comportamento e reciclá-los.

Crenças. Esses padrões de comportamento são frutos do sistema de crenças formado por esta conscin a partir das vivências no ambiente familiar em que cresceu.

Análise. O principal atributo afetado por esse sistema de crenças é a afetividade. A seguir, são descritos, em ordem alfabética, 5 itens deste conjunto de crenças:

1. **Demonstração.** A dificuldade em demonstrar afeto pelas pessoas por achar que este não será recíproco, gerado pela falta de demonstração de afeto por parte dos familiares na infância.

2. **Desconfiança.** Ter sempre a desconfiança de que as pessoas só aproximam-se da autora para machucá-la ou por segundas intenções, e nunca um interesse sincero.

3. **Incômodo.** Dificuldade em relacionar-se com as pessoas por achar que sempre as incomodará. Essa característica foi desenvolvida a partir do fato de muitas vezes ter sido tratada na família apenas como obrigação, e não merecedora dos cuidados da família.

4. **Merecimento.** Achar que não merece o afeto das pessoas, que não merece ser amada, o que também é relacionado à questão da obrigação falada no tópico do “Incômodo”.

5. **Orgulho.** Orgulho exacerbado e medo de mostrar as suas fragilidades, o que foi gerado pela necessidade de aceitação no meio familiar.

Antivitimização. É importante frisar que a autora não se considera vítima desse contexto, pois, através de um sentimento íntimo entende ser fruto de interprises feitas no passado e também tem como hipótese que aceitou o desafio de entrar nesse ambiente em seu período intermissivo, sendo ele parte de sua programação existencial.

Aceitação. O contexto familiar com pouca presença de afeto também gerou grande necessidade de aceitação, numa tentativa de conseguir algum reconhecimento com relação ao seu valor pessoal dentro da família.

Obstáculo. Essa necessidade de aceitação transformou-se em grande obstáculo na adultidade desta conscin, que muitas vezes vê-se deixando de fazer a tarefa do esclarecimento devido ao medo de ser rejeitada.

Traumas. À medida que foi crescendo, a autora foi entendendo quanto determinadas atitudes de seus familiares estavam relacionadas aos traumas vivenciados por eles.

Terapia. Ao fazer terapia, esta conscin já tinha tirado várias conclusões a respeito dessas atitudes baseadas nos traumas e entendia o comportamento de cada familiar.

Esquecimento. Porém, essas conclusões geraram um certo “esquecimento” com relação aos sentimentos vivenciados na infância pela autora.

Analogia. Foi percebido pela autora que criar raciocínio perante sistema de crenças já existente, sem antes trazer a tona esse sistema de crenças, é como fazer um novo desenho em cima de um desenho antigo, sem apagar o desenho anterior.

IV. AUTOSSUPERAÇÃO

Superação. Mediante ao exposto na seção anterior, foi percebido que o sistema de crenças não era efetivamente mudado, pois os conceitos criados anteriormente ainda existiam na intraconsciencialidade da autora, mas pelo esquecimento ocorrido naturalmente pelo passar dos anos, esse sistema de crenças ficava oculto.

Criança. É preciso lembrar que uma criança ainda não possui a racionalidade bem desenvolvida, então a tendência dela é sentir em vez de raciocinar. Logo, quando uma criança é rejeitada na infância, o mais provável é que ela gere um sentimento com relação a essa rejeição e não raciocinar para entender as raízes da rejeição.

Exemplo. No caso da autora, o fato de ter sido frisado para ela muitas vezes a condição de ser sustentada pela avó ser obrigação a qual não lhe dava nenhum direito, a reação desta conscin foi o sentimento de culpa por ter nascido. Neste momento, a autora não tinha a racionalidade desenvolvida a ponto de entender que a atitude dos seus familiares em lhe falar isso era gerada por trauma relacionado a outros familiares que não souberam retribuir o tanto que lhes foi proporcionado pela avó desta conscin.

Sentimento. Esse sentimento de culpa foi esquecido pela autora durante um tempo, até que durante a terapia esse sentimento foi trazido à tona e dessa forma foi possível trabalhar o sentimento de maneira a inserir novos sentimentos baseados na racionalidade dos fatos.

Superação. A maneira de superação desse sistema de crenças foi trazendo a tona esse sentimento de culpa, assumindo que ele foi sentido na época, exteriorizando esse sentimento através da fala, e atualizando para nova compreensão da situação.

Extrapolação. A partir dessa reflexão e de outros fatos ocorridos na vida desta conscin relacionados a afetividade, ocorreu a vivência de extrapolção de acesso ao holopensene de serenão, com a percepção do que seria a afetividade desenvolvida ao máximo. Eis, em ordem alfabética, as percepções vivenciadas nesta extrapolção:

1. **Amor.** Foi sentido amor incondicional por todo o cosmos.
2. **Gratidão.** Foi sentida gratidão intensa por todos os fatos e parafatos ocorridos na vida desta conscin.
3. **Imperturbabilidade.** Foi percebida a imperturbabilidade desenvolvida ao máximo, na qual a autora pôde exteriorizar as suas energias e expandir o seu energossoma por todo o planeta, exteriorizando energias de paz e gratidão, e voltar com o energossoma para o seu estado original sem nenhum resquício das energias com as quais teve contato.

Reciclagem. A partir desse acesso a autora pode fazer reciclagem mais rápida do seu sistema de crenças, pois entendeu na prática que o principal traço do serenão é o amor incondicional às outras consciências, sem pedir nada em troca.

Sensação. Durante a extrapolação a sensação era de que as pessoas pudessem fazer qualquer coisa com esta conscin, magoando-a, ferindo-a, o que for, e o sentimento de amor e fraternismo com relação a elas não diminuiria nem por um instante.

Ampliação. Essa percepção fez a autora entender a afetividade como algo menos egoísta do que pensava antes, pois o foco era no ego, em como sentia-se perante as pessoas e situações. Depois dessa extrapolação passou a pensar em como as pessoas sentem-se e como fazer o mundo delas cada vez melhor.

Foco. Foi retirado o foco no “eu” e nas necessidades do ego para colocar o foco nas outras pessoas e nas necessidades delas.

Invéxis. Outra questão relacionada a essa autossuperação foi que, como aplicante da técnica da inversão existencial, foi preciso entender o papel da autora na família realmente de quebra de paradigmas, o que dificilmente gera aceitação no meio familiar tradicional.

Posicionamento. Para o inversor é preciso assumir a posição de vanguarda na família e lidar com as consequências desse posicionamento, e, dependendo da família na qual o inversor está inserido, pode gerar a sensação de “estranho no ninho”.

Grupalidade. Meio para superar essa sensação, e um dos maiores suportes para as autossuperações da autora, foi encontrar o seu grupo evolutivo, no qual lhe trouxe uma maior sensação de pertencimento.

Ideias. Ao encontrar grupo que possuía as mesmas ideias da autora e, além disso, apresenta resultados com a aplicação dessas ideias, a autora sentiu-se mais segura com as suas posturas perante o meio familiar.

Grinvex. É preciso destacar que o Grupo de Inversores Existenciais (Grinvex) foi essencial nos posicionamentos da autora, pois funcionou como um dos principais ambientes nos

quais esta conscin pôde compartilhar suas experiências e aprender com as experiências dos outros membros do grupo.

V. ASSISTÊNCIA NA FAMÍLIA

Estigma. Um dos principais estigmas familiares que ocorrem na família da autora é a questão da dependência dos pais. Muitos parentes desta conscin, mesmo depois de adultos, continuam morando e sendo sustentados pelos pais, sem adquirir a sua independência financeira.

Medo. Esse era um dos motivos pelos quais alguns familiares da autora possuíam certo “medo” de que esta conscin também seguisse esse caminho, agindo de maneira mais rígida para que isso não acontecesse.

Escolha. No entanto, aos 22 anos de idade, ocorreu situação de grande assédio na família da autora na qual foi preciso fazer uma escolha: ou continuava morando da casa da avó, fazendo “vista grossa” para a situação ocorrida, ou posicionava-se com relação a essa situação, indo contra a postura familiar de colocar “panos quentes”.

Decisão. A decisão desta conscin foi sair da casa da avó e começar a sua independência financeira.

Saída. Essa decisão tornou-se divisor de águas na relação da autora com sua família, pois para eles foi uma prova de que não seguiria pelo caminho da dependência, que era tão temido pelos familiares. A partir daí, a visão dos familiares com relação a esta conscin foi atualizada e passou a ser referência positiva no âmbito familiar.

Desassédio. O exemplo dado através dessa decisão de saída da casa da avó foi de grande desassédio para a família, pois foi algo muito diferente do padrão familiar.

Exemplarismo. Foi percebido então que o ponto principal de aplicação da tares na família é através do exemplo pessoal.

Teática. Quando a autora dizia não querer ser dependente da avó por toda a vida, mas continuava morando na casa dela, os seus familiares não confiavam tanto no que dizia, porém, a partir do momento que esta conscin posicionou-se e realmente foi construir a sua vida fora, o efeito tarístico na família foi muito forte. A partir disso é vista a importância da teática para priorizar a tares no ambiente familiar.

Opiniões. Depois da conclusão que o exemplo é o mais importante para fazer o esclarecimento na família, foi percebido que também precisava reciclar as atitudes pontuais e opiniões.

Achismo. A autora achava que não conseguia colocar-se na família e expressar o que pensava diferente.

Desdramatização. Porém ao fazer análise mais profunda desta questão foi feita desdramatização, pois foi percebido que a autora consegue posicionar-se na maior parte das questões.

Religião. Na história familiar, por exemplo, a autora desde muito cedo foi bem posicionada em relação à questão religiosa.

Comunhão. Fez a sua primeira comunhão com 9 anos e com 12 anos posicionou-se para a família no sentido de não ter nenhuma identificação com a religião católica e disse aos familiares que não seguir-a essa religião. Na época isso foi mais um agravante na questão da rejeição na família, porque virou “a diferente” no meio familiar.

Motivos. Um dos motivos pelos quais a autora deixou o catolicismo, além da não identificação com os dogmas, foi porque havia estudado bastante a história da Igreja e não concordava com as incoerências das atitudes dela, como as ações da Igreja na Idade Média, a aceitação da Igreja pela escravidão e a “vista grossa” da Igreja no holocausto. Essas eram questões que incomodavam bastante esta conscin com relação a igreja e isso foi exposto para os familiares de maneira muito aberta.

Estrutura. Mas é percebido que hoje a autora ainda possui dificuldades em posicionar-se em questões que estão mais relacionadas a estrutura familiar, que no caso é a dependência e o cuidado exagerado, sem reflexão, com os pais.

Contraponto. Mesmo assim, em ambos os casos, o exemplo pessoal faz contraponto ao que ocorre com os outros membros da família.

VI. RESULTADOS

Trafos. Através do contexto familiar desta conscin e da procura de maneiras de lidar com ele na infância e na adolescência, a autora pode reconhecer vários traços que serviram de apoio para o enfrentamento dessas situações de desconforto, dentre os quais 5 são listados a seguir, em ordem alfabética:

1. **Fortaleza.** A força em aguentar qualquer situação sem desabar.
2. **Sensatez.** Sensatez ao reconhecer Ideias inatas indicando que aquela família tinha muitas questões a resolver que ultrapassavam a compreensão desta conscin.
3. **Otimismo.** Ter a certeza de que a situação pode mudar para melhor, dependendo

apenas do esforço individual.

4. **Racionalidade.** Capacidade de entender o processo no âmbito racional, utilizando o trafor do senso crítico aguçado.

5. **Resiliência.** A capacidade de adaptar-se a situações adversas e aprender com elas.

Sustentação. Foi percebido que é preciso desenvolver, no aperfeiçoamento da tares no ambiente familiar, a sustentação energética e elevação da racionalidade, em detrimento dos emocionalismos.

Assuntos. É visto que quando os parentes tocam nos assuntos relacionados aos pilares da família, como a dependência presente entre alguns dos familiares, a autora sente-se desconfortável energeticamente, com repercussão no energossoma e incômodo.

Consciexes. Além disso, por ser estigma que perdura por várias gerações na família, quando o assunto da dependência é trazido, são evocadas muitas consciexes que ainda influenciam bastante as gerações atuais. Por isso o desenvolvimento de maior sustentação energética é crucial.

Racionalidade. Também é preciso que a racionalidade seja utilizada constantemente, para evitar a obnubilação do holopensene carregado.

Reflexão. Essa racionalidade e esse questionamento, precisam ser usados o tempo todo nas relações familiares. Muitas vezes as pessoas fazem tacon na família porque não usam a racionalidade para pensar se o que está fazendo é esclarecimento ou consolação.

Exemplo. Quando uma mãe paga “mil e um” cursos para o filho, mas o filho não valoriza nenhum dos cursos, ele “mata aula”, não estuda, e mesmo assim a mãe insiste em pagar porque acha que os cursos vão esclarecer o filho. Será que, nesse caso, esse ato de pagar os cursos sem o filho valorizar realmente é esclarecimento? Será que não é o caso da mãe fazer outra intervenção ao invés de simplesmente continuar pagando cursos, indefinidamente?

Rótulos. É preciso não rotular as situações como sendo tares ou tacon sem antes fazer a reflexão de todo o contexto no qual a assistência está sendo aplicada.

CONCLUSÃO

Exemplarismo A partir da experiência pessoal da autora, chega-se à conclusão que a assistência que gera mais impacto na família, com mais características de esclarecimento, é o exemplo pessoal.

Comportamento. E para superar comportamentos ultrapassados é preciso entender os sentimentos pessoais na época em que os comportamentos foram gerados para, a partir desse entendimento, desenvolver novas maneiras de enxergar a situação e criar comportamentos atualizados.

Inversor. O inversor, pela natureza avançada da técnica, tem maior probabilidade de ser incompreendido no meio familiar.

Conhecimento. Porém, o investimento em aumentar a bagagem de conhecimento pessoal e o encontro com o seu grupo evolutivo podem servir de apoio ao inversor para sustentar os seus posicionamentos nesse meio.

Distinção. Na família, assim como na convivência com qualquer consciência, não é fácil distinguir a qualidade da assistência que se está aplicando no momento.

Reflexão. Porém, a partir da reflexão, em vez de tomar ações sem pensar, a consciência consegue chegar à conclusão de qual a melhor atitude a ser tomada no momento, priorizando sempre as atitudes esclarecedoras, em vez da consolação.

Evolução. Assim, é mais provável conseguir desfazer as interprisões grupocármicas geradas no passado e partir para uma evolução conjunta.

Gratidão. Deve-se lembrar que a melhor forma de mostrar gratidão aos nossos familiares por tudo o que fizeram por nós é através da **tarefa do esclarecimento**, pois assim todos têm a oportunidade de evoluir e passar da condição de *assistidos* para *assistentes*.

Felicidade. A felicidade na família encontra-se na evolução conjunta, cada qual em seu nível evolutivo e respeitando o momento de cada um.

REFERÊNCIAS

1. Nonato, Alexandre; *et al.*; **Inversão Existencial: Autoconhecimento, Assistência e Evolução desde a Juventude**; 304 p.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2011.
2. Vieira, Waldo; **Léxico de Ortopensatas**; Volume 2; 1.800 p.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2014.